

O QUE ELA SUSSURRA

NOEMI JAFFE

O que ela sussurra

Copyright © 2020 by Noemi Jaffe

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os poemas russos citados neste livro foram traduzidos por Letícia Mei.

Capa

Julia Masagão

Foto de capa

O mar entre nós, Laura Gorski, 2017, acrílica sobre página de livro, 24 cm x 16,7 cm. Coleção da artista

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Clara Diament

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jaffe, Noemi.

O que ela sussurra / Noemi Jaffe. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

ISBN 978-85-359-3324-6

1. Ficção brasileira I. Título.

20-33496

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

para o João
para a minha mãe

*E quando é noite, sempre,
uma tribo de palavras mutiladas
busca asilo em minha garganta,
para que não cantem eles,
os funestos, os donos do silêncio.*

Alejandra Pizarnik

Engano a passagem do tempo e quando ele passa por perto nem se dá conta, porque se deixa embalar pela minha voz, não entende direito o que eu digo, se distrai, esquece que deve passar e para. O que é um sussurro para o tempo? O que é o tempo para um sussurro, que o desfaz e o tempo deixa de passar enquanto eu digo em voz baixa: “Como se eu pendesse de minhas próprias pestanas”. Quando sussurro, sou como os grilos, assoviando para que o medo não venha; não tão logo, que fique ainda longe, escorado por esse ruído mínimo. Falo devagar, enquanto passo a linha no caseador meio enguiçado: “Assim responde a criança: / ‘Eu te darei a maçã’ — ou: ‘Não te darei a maçã’ ./ E seu rosto é a exata matriz da voz que estas palavras diz”.

Você era assim também: teu rosto era a matriz exata do que você dizia e mesmo antes de dizer, eu podia adivinhar o que você sentia pelas duas rugas entre os olhos ou pela ausência delas — raiva, melancolia, lembrança ou desejo.

Você escrevia em pensamento, não no papel e a caneta

era só um arremate do poema já terminado e, de qualquer forma, não era você que passava para o papel, mas eu; e escrever, antes dos sussurros de agora, era como sussurrar. Escrever é um sussurro horizontal e, sem saber, eu já me acostumava, me preparando para um futuro nem tão imprevisto para quem prestasse mais atenção no que acontecia. Mas nós não queríamos saber, tínhamos uma esperança igual ao coice de um cavalo, você ainda mais do que eu, apesar desse nome estranho e um pouco estúpido que meus pais me deram, Najda, esperança. A deles, que acabou não sendo a minha. O tempo não se distraiu de nós, e em seus cascos rijos a polícia veio, ainda que disfarçada de médicos e cuidadores e, outra vez, fiquei com tua jaqueta nas mãos, do mesmo jeito que quando você quis se matar, algum tempo antes, se jogando da janela do hospital. Tentei te segurar e você caiu, me deixando só com o casaco na mão.

Faço com o tempo o que fiz com o casaco: fico segurando. De vez em quando eu grito, sozinha, e nessas horas o tempo passa, mas era isso mesmo que eu queria, ou você acha que é fácil ficar segurando o fluxo das coisas? Quase sempre eu gostaria mesmo é de morrer também; não aguento mais dar aulas para quem não se interessa por nada, eu também sendo perseguida só por estar viva, por ter sido tua mulher, porque a educação, para esses primatas do governo, é só louvação daquele dos dedos grossos e curtos. Mudo de um lugar para outro, trabalho durante a noite, nunca sei muito bem onde vou dormir e, quando durmo, fico escutando as ferragens dos elevadores e, a cada solavanco, acho que você vai chegar ou partir ou que eles estão vindo me buscar para interrogatórios ou para que eu morra de uma vez. Às vezes acho até pior eles não chegarem, porque assim os barulhos da rua, as buzinas,

os passos nas escadas, a porta do elevador, as conversas cifradas que não entendo, continuam me assustando.

Outro dia me chamaram no meio da noite para uma reunião na escola. Cheguei e estavam todos sentados num círculo, com uma cadeira vazia no centro. Me perguntaram por que eu me atrasava para as aulas, se estava desenvolvendo alguma atividade suspeita. Mal tive vontade de me defender, mas em meio ao silêncio que tinha prometido manter, lembrei de você dizendo que não, que a vida tinha um sentido sim, e que viver era bom, mesmo nas piores condições, porque haveria um ovo cozido e uma meia-calça por usar, a conversa com Viktor sobre um poema e a mala com os adesivos de viagem, com os manuscritos inacabados. Você gostava de viver por isso, porque a vida eram as coisas que ainda não tinham sido feitas. E, afinal, era isso mesmo que eu vinha fazendo e só trabalhava naquela escola para poder continuar sussurrando à noite, na fábrica ou em casa e até quando ficava nervosa com algum aluno eu me acalmava murmurando: “Devo viver, mesmo morrendo em dobro” — e fingia que te ouvia falando, fazendo uma pausa e andando de um lado para outro, dizendo: não, não é assim, o acento precisa estar na outra sílaba, martelando o vidro da janela com os dedos ou batendo na cama com os punhos fechados, para depois retomar os passos, até gritar: é isso mesmo. Por isso me defendi, disse que cumpria minhas obrigações, que meus atrasos eram poucos e com boas justificativas, que eu precisava do trabalho para sobreviver e pagar as contas e que por isso não fazia sentido transgredir normas, que eu mesma era grata pelo trabalho. Mas quase todas as palavras do diretor eram sobre espíões disfarçados e prisões distantes, de onde ninguém voltava. Tive medo e vontade de morrer ao mesmo tempo, mas pensei em 1934, quando foi declarado nosso exílio: “Isolados mas protegidos”, nas

palavras do próprio Molotov. Lembro de ir te visitar na prisão e de ter visto, inadvertidamente, o olhar de um homem que parecia japonês, quando andava pelo corredor. Alguma coisa tinha dado errado, porque eu não deveria tê-lo visto, mas nossos olhares se cruzaram e eu nunca vi um rosto tão assustado: as calças arriadas, a boca entreaberta num grito que não poderia ser dado e o olhar ameaçador do guarda que, percebendo o erro, começou a espancar o condenado. Você delirando, mesmo depois de deixar o quartel, dizendo que finalmente viveríamos livres e os seguranças nos conduzindo de trem até Vorónej. Não podíamos abrir as janelas do vagão e depois, sentados na plataforma à espera do trem seguinte, nem comer nem beber, durante quase sete horas, protegidos pelo guarda com o mesmo nome que o teu. A morte tinha perdido o sentido e, por isso, também o medo; o medo, na verdade, não passa de esperança e vaidade. É um sentimento burguês, como se a pessoa merecesse mais ou tivesse mais direitos pelo seu valor e, como que do nada, me senti imbuída de uma coragem entre ridícula e suicida: podem me condenar, se quiserem. Não fiz nada, mas sei que, em algumas ocasiões, aqui neste país, nada e tudo são a mesma coisa. Acho que não tenho por que me defender. E talvez por isso tenha sido absolvida naquele tribunal escolar. Afinal, também dava muito trabalho condenar uma velha.

Entre um intervalo e outro, vou me introduzindo no tempo e o introduzindo em lugares onde ele não esperava entrar: vilarejos abandonados, mercados de frutas e verduras, casas de costureiras, quartinhos escuros onde dormimos juntos, você e eu, dentro da minha garganta, de onde você me ajuda a dizer coisas como: “O ar é amassado densamente, como a terra —/ Dele é impossível sair, nele é difícil entrar”. O tempo, entrando e saindo das passagens de ar, se condensa, se retrai